

Resenha

Reinhold A. Ulmann. *A Universidade Medieval*. 2ª edição, revista e aumentada. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000. Coleção Filosofia, nº 111. 486 páginas.

*Maria Emília Monteiro Porto**

Controlar, conhecer a cultura universitária. Recuperar a origem e a tradição em que esteve envolvida esta instituição de estudos.

Neste livro, que é uma reedição atualizada do livro *A Universidade: das origens à Renascença*, publicado pela UNISINOS de São Leopoldo (RS), Reinhold Ulmann estuda o período de quatrocentos anos, desde o século XII que institucionaliza a Universidade, até o século XVI, momento em que no seu interior se dão os últimos grandes debates do Ocidente Moderno. Neste espaço o autor nos oferece um conhecimento rigoroso sobre a Universidade e seu papel neste momento fundamental de formação do Ocidente.

Seu estudo se apresenta segundo uma ordem de idéias que procura em primeiro lugar estabelecer as origens medievais da Universidade. Somos assim remetidos nos três primeiros capítulos ao ambiente de estudos anteriores ao século XII, superando as organizações de estudos no ambiente espiritual e eclesiástico da cultura medieval e se estendendo a Escolas que pertencem à antiga tradição, como as de linha budista, confuciana, pitagórica, platônica, aristotélica ou sofista. Deste modo, o tema da Universidade se insere em uma dimensão mais ampla, integrada na tradição intelectual herdada pelo Ocidente. Também inseridos nesta tradição, nos apresenta os métodos de estudo e verificação experimentados ao longo deste longo processo, desembocando na base escolástica dos estudos medievais e seus resultados textuais, configurando assim o contexto intelectual sob o qual a cultura medieval se representa.

Deste plano mais geral, somos levados a uma dimensão objetiva do surgimento das universidades medievais, sua organização, suas diferenças internas, sua expansão quantitativa, definindo a diferença entre o conjunto de uma tradição intelectual e a novidade medieval. Importante ressaltar a característica de sua análise, que não se prende a aspectos meramente formais, tolhidos por explicações causais. Trata-se então de compreender a especificidade dos programas de estudo de importantes universidades européias, especialmente num primeiro momento, Bolonha e Paris, mas em seguida Salamanca, Alcalá de Henares, Valência, Coimbra.

* Doutora em História, Professora do Departamento de História do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da UFRN.

Esta é outra das virtudes deste livro - recupera o contexto da Península Ibérica, normalmente esquecido nos estudos medievais e modernos gerais -, não se atendo apenas às instituições modélicas da intelectualidade europeia continental. Sabemos de que maneira nosso mercado editorial acadêmico absorve em maior medida os estudos franceses. Deste modo, o Livro de Jacques Le Goff, sobre os Intelectuais na Idade Média, teve uma grande entrada entre os leitores, apresentando-se em seu tempo, como o melhor estudo sobre as Universidades que possuíamos até então. No entanto, este estudo deixava imensas lacunas para o medievalista interessado em compreender a tradição intelectual ibérica, tão próxima e tão distante e tão importante e visível no século XVI das disputas éticas do Humanismo.

Neste campo somos também remetidos aos aspectos sociais e políticos da Universidade, nos é devolvido o cotidiano da vida acadêmica, as disputas intelectuais em que se envolviam, os desenvolvimentos especializados de alguns estudos, especialmente Medicina, Direito, Teologia, mas também em quês termos, com quês roupa (a indumentária acadêmica), as relações sociais desenvolvidas no interior de cada centro, tais como as relações de poder ali estabelecidas, as diferenças entre estudantes de um contexto rural e urbano, os processos da política acadêmica, as ascensões acadêmicas, a corrupção política e a maneira como elementos críticos aparecem como uma vanguarda nestas disputas intelectuais.

Sua análise das tradições intelectuais e da realidade social em que estava envolvida a Universidade nos encaminham a questões que, em seu conjunto, propõem uma reflexão sobre as dimensões do Humanismo europeu, sobretudo a idéia de Reforma que se vivia então. Reforma Protestante que vai desenvolver um ambiente universitário específico nas Universidades de Marburgo, Könisberg ou Genebra. Reforma Católica que, em zonas de influência mais dispersas, encontra na Companhia de Jesus uma elaboração intelectual adequada.

No conjunto deste estudo sobre a Universidade temos a possibilidade de compreender o sentido das épocas históricas, desfazendo uma pretensa e redutora oposição entre medievalidade-modernidade, assim como uma consideração sobre o sentido do século XVI visto a partir do empenho de recatolização do Ocidente, onde Humanismo e Contra-Reforma significam ambiente e consequência de um processo de mudança, ou, em palavras do autor, de um processo mais amplo e complexo.

Reinhold Ulmann é professor de Filosofia da Universidade Pontifícia do Rio Grande do Sul (PUCRS) e seu livro representa um excelente material de estudos e reflexões. Seu conteúdo revela erudição na utilização de fontes inéditas e de uma extensa bibliografia, tanto clássica como atual. A forma em que se apresenta é outro dos grandes méritos deste livro, ao oferecer um índice analítico e de nomes, tão úteis ao trabalho acadêmico.

relacionada à ausência de prejulgamentos quanto à veracidade ou falsidade de uma hipótese qualquer, ou seja, é concernente àqueles que preferem investigar antes de tomar por verdadeiras ou falsas quaisquer que sejam as hipóteses. O autor, então, prefere expor o problema com o maior grau de objetividade possível, sem que, com isso, posicione-se e, conseqüentemente, seja obrigado a fazer juízo dos modelos que apresenta, o que configuraria uma atitude não cética. Em outras palavras, o autor, em seu *Ceticismo Filosófico*, empregou uma postura também cética ao escrevê-lo. Ele, nos termos em que concordam a linguagem e o subjetivismo, não interfere na apresentação histórica dos argumentos do livro, pois, assim como se viu que o cético não decide aprioristicamente sobre versões incompatíveis sobre a mesma contenda, o autor, ao escrever, não se posiciona; pelo contrário, suspende o juízo, apenas. Quanto ao valor do livro, não se pode fazer o mesmo e, ao ponderá-lo, diz-se que é uma obra imprescindível aos que querem se introduzir nos mais diversos aspectos céticos da investigação do mundo e apenas recomendável aos que já foram introduzidos.